

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

Rosangela Marques de Britto¹

O livro em questão é composto por textos que foram divulgados em publicações científicas. As autoras, ao reuni-los em uma única publicação, ofertam aos leitores uma nova abordagem destes, representada pelo conjunto da obra. No geral, o livro apresenta uma significativa reflexão analítico-conceitual sobre antropologia urbana e antropologia da imagem, baseada em etnografias realizadas pelas autoras, algumas vezes, em conjunto com seus orientandos, como é o caso do terceiro capítulo, intitulado de *Narrativas Imagéticas*.

Estas experiências e reflexões sobre as etnografias realizadas *na e da* cidade de Porto Alegre estão associadas ao projeto integrado do CNPq, *Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo*, realizados no Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas e Laboratório de Antropologia Social, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As autoras associam-se à antropologia urbana, buscando interfaces com a antropologia da imagem, e filiam-se às etnografias da duração e do imaginário, baseadas, respectivamente, em Gaston Bachelard e Gilbert Durand. A etnografia da duração versa sobre a ideia de lacunas do tempo, as continuidades/descontinuidades presentes nele. Em suas rítmicas, o tempo é um tema que religa as práticas e as representações dos habitantes *da e na* cidade.

Ao longo da obra, a cidade é interpretada como objeto temporal, em suas modalidades narrativas, em que o ato da memória é problematizado como ação no mundo temporal. A obra destaca a cidade como fenômeno social; como cenário da cultura urbana local. A demais, a *civitas* e a *polis* são variáveis dos estudos históricos macroestruturais, que ganham atenção a partir das teorias sociais que nascem no século XIX e se destacam no século XX, pelos autores relacionados à Escola de Chicago, que é um “território-mito” apontado nesses estudos urbanos. A outra referência fundadora é a Escola de Manchester, onde se destaca a figura de Max Gluckman, “atento aos

¹ Universidade Federal do Pará, Brasil.

processos de transformações sociais e ao dinamismo das relações entre fronteiras simbólicas de grupos e as sociedades” (Eckert; Rocha; 2013: 16).

No capítulo 1, *Nas trilhas de uma antropologia da e na cidade no Brasil*, é elaborado um mapeamento que delinea as linhas de pesquisas sobre o tema da cidade e da política na antropologia brasileira. São citados os intelectuais predecessores e os sucessores, elaborando uma cartografia desses estudos numa perspectiva transgeracional. No capítulo 2, *Etnografia da e na cidade, saberes e práticas*, apresentam os caminhos do método etnográfico e, ao mesmo tempo, o debate sobre a restituição etnológica, ou seja, a necessidade de compartilhar as informações e documentos da prática etnográfica com os interlocutores da pesquisa.

O capítulo 3, *Narrativas Imagéticas*, refere-se às narrativas fotográficas elaboradas por Fernanda Rechenberg para a sua pesquisa de tese sobre as tramas das transformações urbanas do bairro de Cristal, em Porto Alegre (RS). O segundo ensaio fotográfico é de Jéssica Hiroko de Oliveira, que trata da pesquisa de dissertação sobre idosos da Casa do Artista Rio Grandense. A última narrativa fotográfica, também relativa a uma pesquisa, é de Olavo Ramalho Marques, que realizou um estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. As narrativas apresentam uma breve ficha técnica e a sinopse dos estudos etnográficos em que foram realizados os registros fotográficos, como partes significativas da escritura dos textos etnográficos das respectivas pesquisas. A produção de imagens como recursos metodológicos possibilitou aos pesquisadores explorar a estética do grupo em foco e as múltiplas camadas do tempo impressas nas coisas. Estes momentos foram nomeados por um dos autores como “encontros imagéticos” (Oliveira, 2013: 93).

Os capítulos 4 e 5 discorrem sobre a cultura do medo, que se refere ao fenômeno da vulnerabilidade dos cidadãos, em face do aumento da violência nas cidades brasileiras. Em especial, o capítulo 5, *Cidade sitiada, o medo como intriga*, comentam sobre o documentário *Cidade sitiada, seus fantasmas e medos*, realizado em 2001, que narra a trajetória de vida de quatro habitantes de Porto Alegre.

O capítulo 6, *As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória*, refere-se às ressonâncias e dissonâncias da paisagem urbana nas cidades moderno-contemporâneas, destacando-se, como referência, o filósofo francês Pierre Sansot, que acrescenta ao conceito de paisagem “a acepção de sistema de troca entre o mundo sensível e o mundo de significações” (Eckert; Rocha, 2013: 185). No capítulo 8, *A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil*, as cidades ocidentais, em especial

Porto Alegre, são analisadas como lugares privilegiados de fabulações, nas quais a estética urbana é a “metáfora viva da consolidação de estruturas espaço-temporais descontínuas vivida pela sociedade gaúcha, no corpo da memória coletiva da nação brasileira” (Eckert; Rocha, 2013: 265).

A leitura desta obra possibilita aos jovens pesquisadores de antropologia um mergulho no itinerário científico destas duas experientes pesquisadoras. Elas nos ofertam os ensinamentos de uma trilha inovadora e significativa de captar o teatro da vida cotidiana, na perspectiva de teorizar o tempo, a cidade e a memória.

Recebido em: 11/10/2013

Aprovado em: 05/11/2013